

Auto-Hetero-Retrato

2004

Galeria Trindade, Porto

Em Hetero auto-retrato persiste a ausência e a impossibilidade da representação representar o representado.

Nos trabalhos, realizados analogicamente pelo próprio corpo, a sua imagem é um símile do próprio corpo que abdica de mediadores para se representar. As marcas sobre o papel são, literalmente, realizadas com o corpo que se comprime contra o papel.

A escultura apresenta a sua contradição. O seu carácter tridimensional não deixa de ser a representação de uma ausência. Neste caso o que é apresentado é o espaço vazio que marca a ausência do corpo. O espaço negativo funciona como uma sombra tridimensional de um corpo em fuga no tempo.

Auto-Hetero-Retrato

Auto-Hetero-Retrato, Jorge Coimbra + Xai.

Galeria Trindade, Porto e Livraria Fonte de Letras, Montemor-o-Novo

Jorge Coimbra



Xai



Auto Hetero-Retrato

11Set > 29Set 2004

Jorge Coimbra
 Jorge Mira Oliveira Das Neves, 28-11-1948, Moçambique

Licenciatura em Arquitectura
 Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1971
 Professor D.N.D. do Ensino Secundário, Artes Visuais,
 desde 1977
 Actividade como Designer de Equipamento e de Interiores
 Mantém actividade artística regular desde 1991
 Intégra e é co-fundador do Grupo 10afio

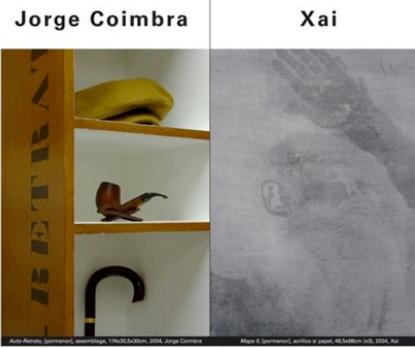
Mostra Internacional de Arte Postal,
 Universidade de Santa Cecília dos Banderantes, Brasil, 1991
 Sobre Papel, Casa de Cultura, Póvoa do Varzim, 1993
 Retrato de Grupo, Edifício Capelinho, Porto, 1994
 Colectivo, Espaço Póvoa, La Courvaia, 1994
 Cesto Único, Cooperativa Geom, Porto, 1994
 Está tudo pendurado no céu,
 Museu de S. Bento da Vitória, Porto, 1998
 Pensamentos, Palavras e Actos, 06/99/Porto, 2000
 Pintado de Branco, Galeria Trindade, Porto, 2002
 OFZ, Galeria Trindade, Porto, 2003
 Treadler, Forne das Letras, Montemor-Novo, 2004
 Auto Hetero-Retrato, Galeria Trindade, Porto, 2004

Exposições mais relevantes 11Set - 29Set 2004

Xai
 (Júlio Fernando Moreira Pereira de Silva, 3-10-1982, Velsom - Gondomar)
 Licenciatura em Artes Plásticas - Pintura
 Escola Superior de Belas-Artes do Porto
 Mestrado em História da Arte em Portugal
 Estudos Contemporâneos - E. L. U. P.
 Professor Requisitado para a Área de Artes e Oficinas
 E. S. E. J. P. Vila
 Mantém regular actividade artística desde 1991
 Intégra e é co-fundador do Grupo 10afio

Mostra Internacional de Arte Postal,
 Universidade de Santa Cecília dos Banderantes, Brasil, 1991
 Revelações 93 Prémio Banco Comercial de Madri,
 Cooperativa Anova, Porto, 1992
 Sobre Papel, Casa de Cultura, Póvoa do Varzim, 1993
 Retrato de Grupo, Edifício Capelinho, Porto, 1994
 Colectivo, Espaço Póvoa, La Courvaia, 1994
 Cesto Único, Cooperativa Geom, Porto, 1994
 Museu de S. Bento da Vitória, Porto, 1998
 Pensamentos, Palavras e Actos, 06/99/Porto, 2000
 Pintado de Branco, Galeria Trindade, Porto, 2002
 OFZ, Galeria Trindade, Porto, 2003
 A Minha Revelação é Melhor que a Tua,
 Galeria Marina Miralés, Porto, 2004
 Treadler, Forne das Letras, Montemor-Novo, 2004
 Auto Hetero-Retrato, Galeria Trindade, Porto, 2004
 Sill, exposição individual, Galeria Simões, Porto, 2004

TRINDADE
 Rua, Regal, Beirões, 201 405-771 Porto • 22287013 fax 22287111 • email gal@trindade.pt



Auto Hetero-Retrato



AF, [pormenor], acrílico s/ contraplacado, 60x72cm, 2004, Jorge Coimbra
 Mapa II, [pormenor], acrílico s/ papel, 48,5x68cm (x3), 2004, Xai

Quem sou eu?
 Somos tão difíceis de definir como a Sociedade em que vivemos. Conquistámos a liberdade de construir as nossas identidades num processo reflexivo, escapando a imposições exteriores, mas quando expomos o nosso interior queremos mostrar uma Identidade íntegra. Na procura de um resumo para a nossa auto-biografia, de uma frase que coubesse na nossa lápide, de uma fotografia para o BI, hesitamos. O nosso quotidiano urbanizado e multifacetado é um espelho estilizado que nos devolve uma imagem fragmentada.
 Até mesmo o Corpo, a última fronteira da individualidade, os limites onde toda a herança e construção teriam forçosamente de caber, deixou de ser um dado adquirido e imutável. Furado, emagrecido, cultivado, tatuado, esticado, tostado ao sabor dos desejos de cada um e da força jurídica das tendências da moda; ou retalhado e substituído às peças pela crescente especialização e capacidade invasiva das Ciências Médicas, o Corpo torna-se mais plástico e fragmentário. O Corpo é o espaço crítico onde se movem estes **Auto Hetero-Retratos**.
 Sobrepondo a intensidade estética das expressões corporais à indefinição dos rostos e à frieza do ambiente cromático, **Jorge Coimbra** apresenta nos retratos em que as deficiências motoras são protagonistas. Fazendo uso da nossa liberdade de montar as identidades como um puzzle, apostamos geralmente em ignorar as deficiências para nos aproximarmos dos seus portadores, protegendo os ideais dominantes

de perfeição física. O autor provoca-nos, desafiando-nos a olhar de frente para algo que só é negligenciável para quem está de fora. Na construção da identidade, identificação e distinção são duas forças constantemente em jogo. Este conjunto de trabalhos aponta para um grupo distinto mas não distante. Um grupo unido por um fragmento identitário que une, mas amplia o efeito distintivo da herança social; que pertence a alguns, mas é, de certa forma, de todos. Até porque os limites do que podemos fazer com o nosso corpo são sempre medidos pelo que esperamos dele.
 Os trabalhos de **Xai** revelam o resultado e o processo da relação do seu corpo com os materiais. Como a imagem que fica a percorrer eternamente dois espelhos contrapostos, as impressões que gravamos na realidade são fragmentos da nossa identidade que ficam como reflexos perenes. Não podemos ver-nos sem procurar ver como nos vêm, por isso precisamos tanto de ter alguém por perto.
 Entre o corpo espalmado contra uma superfície dura e os pedaços de nós revelados por um material moldável vai a distância entre a sociedade tradicional imutável e opressora, e a "pós-moderna" que absorve todas as mudanças sem se transformar. E a sua coexistência contemporânea.
 Mesmo se fica aparentemente irreconhecível, é no confronto com a resistência do exterior, que o autor afirma a sua individualidade.



Reflexo II, [pormenor], gres, 29x23,5x13cm, 2004, Xai
 S/Titulo, [pormenor], acrílico s/ contraplacado, 150x160cm, 2004, Jorge Coimbra



AF, [pormenor], acrílico s/ contraplacado, 60x72cm, 2004, Jorge Coimbra

Os olhos de cada um e o olhar de cada um de nós.
 Um outro, o mesmo. Assim se querem os retratos. Fora de si. E fora de si, os retratos podem não ser o mesmo mas apenas a imagem do outro, o retrato do que do outro ficou em mim.
 A fotografia ocorre no momento do olhar já que, matando o momento, captura o real material. Para recuperar a capacidade de retratar a pintura deve escapar a realidade, ao dar-se o momento em que o desejo, dentro do quadro, torna conta do seu e transfere a essência de sua forma.
 Os **Auto Hetero-Retratos** de **Jorge Coimbra** e de **Xai** têm em comum a capacidade de criar um duplo para onde se afia a procura do outro, ignorando, acortando ou que se encaixa na fotografia, a realidade.
 Em **Jorge Coimbra**, o duplo é conjugado por alçamento o sexo, a idade, ou mesmo o espaço que se projeta e a capacidade de olhar a pintura deve escapar a realidade, ao dar-se o momento em que o desejo, dentro do quadro, torna conta do seu e transfere a essência de sua forma.
 Os **Auto Hetero-Retratos** de **Jorge Coimbra** e de **Xai** têm em comum a capacidade de criar um duplo para onde se afia a procura do outro, ignorando, acortando ou que se encaixa na fotografia, a realidade.
 Em **Jorge Coimbra**, o duplo é conjugado por alçamento o sexo, a idade, ou mesmo o espaço que se projeta e a capacidade de olhar a pintura deve escapar a realidade, ao dar-se o momento em que o desejo, dentro do quadro, torna conta do seu e transfere a essência de sua forma.
 Os **Auto Hetero-Retratos** de **Jorge Coimbra** e de **Xai** têm em comum a capacidade de criar um duplo para onde se afia a procura do outro, ignorando, acortando ou que se encaixa na fotografia, a realidade.
 Em **Jorge Coimbra**, o duplo é conjugado por alçamento o sexo, a idade, ou mesmo o espaço que se projeta e a capacidade de olhar a pintura deve escapar a realidade, ao dar-se o momento em que o desejo, dentro do quadro, torna conta do seu e transfere a essência de sua forma.

um tempo mítico, o tempo do que é e do que não foi, atual e clivado, cada coisa dentro de si mesma. É, essa dimensão, é que permite mostrar a importância do olhar pelo que todos poderíamos ver o que não vemos, assim, desenvolvendo, a sua condição de pintura.
 Em **Xai**, o duplo é conjugado por proximidade, quase identificação, mesmo quando há o sugestivo do interior redifinição, deves ver o tempo que tarda a corpo no espaço. O que o corpo mostra não são fragmentos como fragmentos são todos os retratos à procura de uma unidade que nenhum outro jamais teve. É essa dimensão fugaz, tal a realidade, esses mesmos fragmentos a reapresentar. De à matéria feita o tempo, a presença das partes já não possui a interior e exterior presente e ausente, cheio e vazio sendo infinitamente opostos e não complementares. Os fragmentos moldados contra o seu próprio corpo, retratos de si, pertencem-me, ou seguem autêntico o momento em que foi. Igual que a forma de um corpo não deixa por ser a mesma possibilidade de construção da imagem, que o outro lado do espelho reproduz, no limiar do que é impossível, como se de um corpo não tivesse sido desordenado, um dia, que somos diferentes de nós.



Adriano C. Bast

Quem sou eu?

Somos tão difíceis de definir como a Sociedade em que vivemos. Conquistámos a liberdade de construir as nossas identidades num processo reflexivo, escapando a imposições exteriores, mas quando expomos o nosso interior queremos mostrar uma Identidade íntegra. Na procura de um resumo para a nossa auto-biografia, de uma frase que coubesse na nossa lápide, de uma fotografia para o BI, hesitamos. O nosso quotidiano urbanizado e multifacetado é um espelho estilizado que nos devolve uma imagem fragmentada.

Até mesmo o Corpo, a última fronteira da individualidade, os limites onde toda a herança e construção teriam forçosamente de caber, deixou de ser um dado adquirido e imutável. Furado, emagrecido, cultivado, tatuado, esticado, tostado ao sabor dos desejos de cada um e da força jurídica das tendências da moda; ou retalhado e substituído às peças pela crescente especialização e capacidade invasiva das Ciências Médicas, o Corpo torna-se mais plástico e fragmentário. O Corpo é o espaço crítico onde se movem estes **Auto Hetero-Retratos**.

Sobrepondo a intensidade estética das expressões corporais à indefinição dos rostos e à frieza do ambiente cromático, **Jorge Coimbra** apresenta nos retratos em que as deficiências motoras são protagonistas. Fazendo uso da nossa liberdade de montar as identidades como um puzzle, apostamos geralmente em ignorar as deficiências para nos aproximarmos dos seus portadores, protegendo os ideais dominantes

de perfeição física. O autor provoca-nos, desafiando-nos a olhar de frente para algo que só é negligenciável para quem está de fora.

Na construção da Identidade, identificação e distinção são duas forças constantemente em jogo. Este conjunto de trabalhos aponta para um grupo distinto mas não distante. Um grupo unido por um fragmento identitário que une, mas amplia o efeito distintivo da herança social; que pertence a alguns, mas é, de certa forma, de todos. Até porque os limites do que podemos fazer com o nosso corpo são sempre medidos pelo que esperamos dele.

Os trabalhos de **Xai** revelam o resultado e o processo da relação do seu corpo com os materiais. Como a imagem que fica a percorrer eternamente dois espelhos contrapostos, as impressões que gravamos na realidade são fragmentos da nossa identidade que ficam como reflexos perenes. Não podemos ver-nos sem procurar ver como nos vêm, por isso precisamos tanto de ter alguém por perto.

Entre o corpo espalmado contra uma superfície dura e os pedaços de nós revelados por um material moldável vai a distância entre a sociedade tradicional imutável e opressora, e a "pós-moderna" que absorve todas as mudanças sem se transformar. E a sua coexistência contemporânea.

Mesmo se fica aparentemente irreconhecível, é no confronto com a resistência do exterior, que o autor afirma a sua individualidade.

Francisco Calafate Faria

Os olhos de cada um a olhar cada um de nós.

Um outro, o mesmo. Assim se querem os retratos. Fora de si. E fora de si, os retratos podem não ser o mesmo mas apenas a imagem do outro, o instante do que do outro ficou em mim.

A fotografia ocupou-se largamente do retrato já que, matando o momento, captava o real inalterável. Para recuperar a capacidade de retratar a pintura deixa escapar a realidade, ao dar-lhe o momento em que o desejo, dentro do quadro, toma conta do eu e o transforma apesar da sua forma.

Os *Auto Hetero-Retratos* de **Jorge Coimbra** e de **Xai** têm em comum a capacidade de criar um duplo para onde se olha à procura do próprio, ignorando, ao contrário do que se passa na fotografia, a realidade.

Em **Jorge Coimbra**, o duplo é conseguido por afastamento: o sexo, a idade, os corpos dos sujeitos que o pintor reproduz a sépia e cinza, a partir de fotografias são distantes do real retratado. Aparentemente repetem apenas o fragmento escolhido para a unidade, a particularidade da deficiência física. Mas o que, de facto, mostram é o movimento, a sua ausência ou o esforço para o realizar e aí reside a sua densidade. Imensos e petrificados, os trabalhos, deixam escapar, subtil mas insistentemente, a imagem reiterada de um desejo que o acaso interditou ao corpo: a dança. Todos estes corpos ou os seus adereços evocam a leveza. O auto-retrato é, em Jorge Coimbra, uma imagem hetero onde

um tempo misto, o tempo do que é e do que não foi, cruel e cândido, cabe tenso dentro da imagem. E, nessa dimensão, a que permite mostrar a importância do acaso pelo qual todos poderíamos ser o que não somos, assumem, definitivamente, a sua condição de pintura.

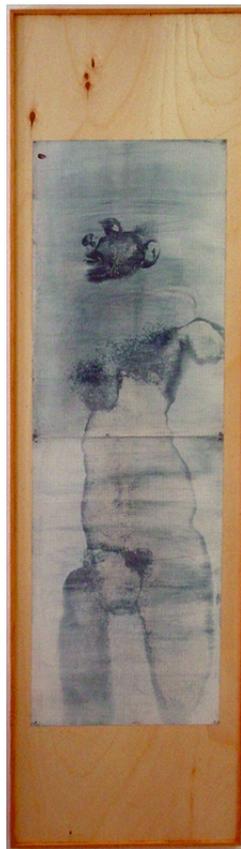
Em **Xai**, o duplo é conseguido por proximidade, quase identificação. O corpo estampado no suporte, aparentemente duplica o real, próximo de se con-fundir com ele. Mas jamais a representação fidedigna do exterior, mesmo quando hábil sugestão do interior radiografado, deixará ver o tempo que funde o corpo no espaço. O que o pintor mostra são, pois, fragmentos como fragmentos são todos os retratos à procura de uma unidade que nenhum sujeito jamais terá. E nessa dimensão fugaz, tal o sudário, esses mesmos fragmentos o representam. Se à matéria falta o tempo, a agregação das partes jamais será possível e interior e exterior, presente e ausente, cheio e vazio serão infinitamente opostos e não complementares. Os fragmentos moldados/carimbados do seu próprio corpo, retirados de si, pertencem-lhe, ou sejam autenticam o momento em que foi. Aquilo que o pintor nos oferece para ver é a eterna possibilidade da construção da imagem, que o outro lado do espelho reproduz, no limiar da fuga à representação, como se ao procurar-nos todos descobrissemos, um dia, que somos diferentes de nós.

Adriana C. Baut





Mapa. Impressão sobre papel montado s. contraplacado. 45x68 x 2



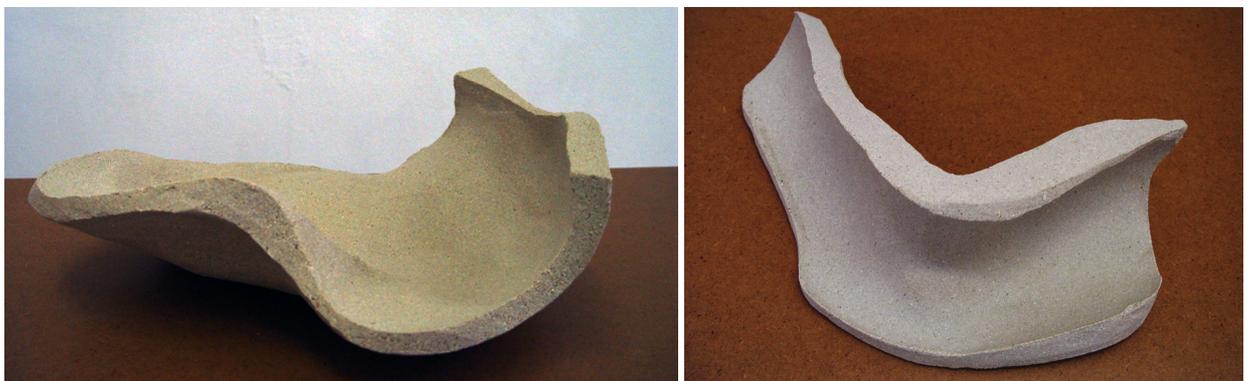
Mapa. Impressão s. Papel montado s. contraplacado



Mapa. Impressão sobre papel. 45x68 cm x3



Mapa. Impressão sobre papel. 45x68cm x3



Mapa. Grés